

DE
UMA
SÓ
SORTE

A silhouette of a woman in a dress walking across a dune at sunset. The sky is a gradient of red and orange, and the dunes are lit with a warm yellow light. The woman is on the right side of the frame, walking towards the left.

TIAGO GONÇALVES

CAPÍTULO I

UMA PRETENZA INTRODUÇÃO

A sua vida podia resumir-se em pequenos factos, aliás para os demais a sua vida era isso mesmo, pequenos factos. A pobre Manuela, aos catorze, teve o seu primeiro e amado, e mais dois vieram, por cada sete e nove anos depois, sendo o último tão brutal, que representou total infertilidade conjugal.

Manuela era séria e correcta, não insultava ninguém, não falava de ninguém, não devia a ninguém. Dava a outra face, quando necessário. Estava noutra mundo, para alguns. Inocente e ingénua, nada a afectava, não sorria, não chorava. Um poço de força, rígida como um cubo de gelo, sólida como uma torre.

Casa, campo, casa. A sua vida. Pela manhã colhia, plantava, regava. No final, cozinhava e arrumava. Pela tardinha,

limpava, cosia, remendava. E já ao anoitecer, quando o céu assumia um semblante de negrura, acinzentado, com o sol começando a descansar, parava, cozinhava, jantava, dormia. Era de sol a sol, como uma formiguinha. No seu mundo cuidava, no seu pequeno mundo de pouco menos de duzentos metros quadrados, no seu belo mundo, com orgulho trabalhava e cuidava, cada vez mais, cada vez melhor, tal como seu pai dissera, cada vez mais cada, vez melhor.

CAPÍTULO II

PEQUENOS ANOS

Pela tardinha, começava a cozinhar, com a instrução e supervisão de quem podia, sempre com ternura e cuidado, mexendo, cozendo, assando, conforme a ordem, Manuela cumpria, prendada, deliciando e deliciando-se. Gostava de cozinhar. Assim era a vida, deitava-se cedo, acordava cedo, ia para o mundo trabalhar, produzir, e pela tardinha, cozinhava. Desde tenra idade, mal conseguiu andar sem cair, tinha 4.

PEQUENOS ANOS

A sua arte aprendeu com a sua mãe, que tal como um capataz, era dura no ensino, exigindo total atenção e cumprimento das suas regras, assim se fazia, assim era, assim tinha que ser. No campo que mais tarde estaria condenado ao desaparecimento, a Manuela aprenderia que ser diferente custa, e que a divergência tem uma recompensa tão doce quanto mais amarga seja a sua pena.

Começou desde nova ali, com a materna a berrar que feijões não se apanham assim. Mas era o jeito dela. Mexia um pouco o pulso, um tremelique, como se estivesse deslocado, algo bizarro, estranho, curioso e muito engraçado. Nasceu assim dizem, por muito que se ensine há quem não faça como tem que ser. O ser era ensinado pela sociedade, o ser

de tudo era passado de geração em geração por alguém cujo destino intitulou de especialista pela lei da experiência, cujos novos aprendizes cultivavam este ser, com algo próprio, mas o mesmo ser, mais produtivo, melhor, correcto, apenas porque alguém assim o definiu e foi sendo passado este ser, sem que o questionassem, talvez por falta de criatividade ou sentido crítico. Contudo, de vez em quando aparece alguém que descobre um novo ser e que, para si, é mais correcto, o mais produtivo.

A Manuela encaixava neste de vez em quando. Mas como todos estes de vez em quando, era punida, física e psicologicamente. O sofrimento pela inovação, pela quebra do dogma, é a consequência para toda e qualquer mudança do ser de algo, seja com Galileu, seja com a Manuela. Punições bem diferentes no que toca a gravidade, contudo analisadas friamente, elas apenas são diferentes na sua aplicação.

Democraticamente, todos têm os seus direitos e a sua liberdade, sendo livre o seu arbítrio, mas a maioria tem sempre razão. Paradoxal não é, apenas a democracia, a autoridade da maioria, do povo, sendo que quantas mais forem as afinidades com todos os demais, mais beneficiada será, maior será a sua democracia, pois a sua vontade, a sua liberdade, a sua opinião, será menos vezes punida. Assim, vejo que há relação directa entre a quantidade de afinidades de um com a demais popula-

ção e a relevância da sua opinião, e uma relação inversa entre essa mesma quantidade e o rótulo e castigo social. Não é que haja algo mais certo entre duas ou mais maneiras de produzir ou fazer algo exactamente, apenas uma delas é a mais comum e mais bem aceite pela comunidade.

Será sempre melhor agradar a maioria, menos se sofre, mas será o sofrimento maior que os prazeres de saber da nossa certeza, teimando em fazer algo, como queremos, apesar de sabermos das consequências de tais actos? Tal é discutível.

Para a Manuela, o importante era produzir mais e melhor, da sua maneira, na sua especialidade, mais e melhor, pois sabia que nada era perfeito, mas podia ser mais ou menos perfeito, conforme o esforço. Assim trabalhava para tornar tudo mais perfeito e aos poucos, lá reconheciam a sua razão, mas não era, no entanto, o mais comum, o mais certo. Era o jeito dela e quanto mais perfeito era, mais tolerado seria. A verdade indiscutível continuava a ser indiscutível, contudo os argumentos contrários aperfeiçoavam-se cada vez mais, cada vez melhores, em consequência do crescente esforço.

PRESA NUM MUNDO SEM PROFUNDIDADE, A VISÃO DE MANUELA NÃO ALCANÇAVA PARA ALÉM DO SEU CAMPO. ISOLADA DO SEU PENSAMENTO E AMBIÇÃO, A SUA VIDA PODERIA RESUMIR-SE A UM ETERNO MOVIMENTO CIRCULAR, CONSTANTEMENTE VOLTANDO AO PONTO DE PARTIDA, QUANDO PARECIA ESTAR PRESTES A ESCALAR AS PAREDES QUE RESTRINGIAM A SUA VIDA. SEM AMBIÇÃO QUE GERASSE QUALQUER OPÇÃO, A VIDA ERA SIMPLES E RESUMIDA, NÃO FOSSEM OS ACONTECIMENTOS DO SEU MUNDO SEREM BEM MAIORES DO QUE O ESPAÇO AO QUAL SE RESTRINGIA. ESPAÇO E MUNDO NO QUAL NINGUÉM QUERIA ENTRAR. ESTA OBRA ABRE, PARA SI, AS PORTAS DESTES MUNDO.

